Manchete EXTRA

REVISTA SEMANAL – RIO DE JANEIRO – 30 DE AGOSTO DE 1954 – CR$ 5,00



OS FUNERAIS DE VARGAS EM SÃO BORJA



Do Catete ao aeroporto, o caminho estava atapetado de flôres que o povo espalhou pelo chão, homenagem a Getúlio na sua derradeira passagem pelo Rio.

DIRETOR-RESPONSÁVEL
Nelson Quadros

Manchete
REVISTA SEMANAL
BLOCH EDITORES S. A.
PRESIDENTE: ADOLPHO BLOCH
DIR. SUP.: OSCAR BLOCH SIGELMAN
RUA FREI CANECA, 511 - TELS.: 32-4355 E 32-0300 - RIO DE JANEIRO

DIRETOR-GERENTE:
Nelson Alves



O nosso repórter-fotográfico Gervásio Batista fixou o momento doloroso em que, minutos antes do esquife descer ao túmulo, elementos da família Vargas e amigos do Presidente morto dirigiam-lhe ainda um último adeus.

REPORTAGENS

A Última Visita do Povo 4
No Velório do Presidente 6
Os Últimos Instantes do Presidente 8
"Êle Disse" 10
Getúlio Volta à Terra Natal .. 12
Agitação nas Ruas 28
O Govêrno Muda de Mãos 32

DIRETOR DE REDAÇÃO .... Otto Lara Resende
CHEFE DE REPORTAGEM ..... Darwin Brandão
DIRETOR DE ARTE .... Henry Moeller

REPORTAGEM
JOSÉ GUILHERME MENDES, SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA, ANTÔNIO ROCHA, CARLOS OLIVEIRA, HOMERO HOMEM, FLÁVIO DE AQUINO, ALEX VIANY, MARCELO COIMBRA TAVARES, SOUZA ROCHA, ABDIAS MOURA, JOSÉ DO PATROCÍNIO OLIVEIRA, OSVALDO MENDES, SALVADOR MONTEIRO, JOSÉ MAURO GONÇALVES, MARÍLIA SOBRAL VIEIRA, EUCLÉCIO FACÁDIO, JOÃO ALVES DOS SANTOS E RUBENS PENA.

SEÇÕES
HENRIQUE PONGETTI, ROLAND, BORJALO, SÉRGIO PÔRTO, VERAMOR, IDA UCHÔA, MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA, ELSIE LESSA, PAULO MENDES CAMPOS, FERNANDO LOBO, IBRAHIM SUED, FERNANDO SABINO, NESTOR DE HOLANDA, JOSÉ RONALDO, GUILHERME FIGUEIREDO, RUBEM BRAGA, HUMBERTO BASTOS, GERALDO ROMUALDO DA SILVA E LÚCIO RANGEL.

DEPARTAMENTO FOTOGRÁFICO
SALOMÃO SCLIAR, ORLANDO MACHADO, GERVÁSIO BATISTA, FARIA DE AZEVEDO, JOÃO PEDROSA, WANDERLEY BAPTISTA, FRANCISCO CARVALHO HENRIQUES.

DEPARTAMENTO ARTÍSTICO
WILSON PASSOS, JACOBO PEDREIRA, ZVONKO CVENK, DAREL, FERNANDO LEMOS, MARIA THEREZA VIEIRA, BATISTA FILHO, EDUARDO ANAHORY E VITÓRIO GHENO.

DEPARTAMENTO GRÁFICO
JOSÉ LUIZ WERNECK, NELSON SAMPAIO, VALENTIM BONDER.

BUREAU EM SÃO PAULO
REPORTAGEM .... DANIEL LINGUANOTTO
RUA TUPI, 404 APTO. 31 - TELEFONE 52-7154

BUREAU EM PARIS
REPORTAGEM .... JUSTINO MARTINS
7, RUE DU LAOS - PARIS - 15ÈME - FRANÇA

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIDORA IMPRENSA LTDA.
AVENIDA 13 DE MAIO, 13-LOJA C-TEL. 22-8817-RIO

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE
DIRETOR ...... Direcu Torres Nascimento
ASSISTENTE .... Leandro C. Fonseca
RUA FREI CANECA, 511 - TELEFONE 52-0018

PUBLICIDADE EM S. PAULO .. Décio C. da Silva
AV. IPIRANGA, 1071, 5.º ANDAR, SALA 503, TEL. 35-6067

"Só morto sairei do Catete"



O Palácio do Catete esteve sempre intimamente ligado à vida de Getúlio Vargas. Êle o freqüentou, primeiro, como deputado federal, pelo Rio Grande do Sul; depois, como ministro da Fazenda do Presidente Washington Luís. Governador de seu Estado em seguida, de lá voltaria na lideranca do movimento que fêz a revolução de 30 e que o instalou no Catete como chefe do govêrno provisório. Sem solução de continuidade, ali continuou, como presidente da República, eleito pela Assembléia Constituinte, em 1933. Em 37, com o golpe de estado, continuou à frente do govêrno, até 1945, quando foi deposto. Em 1950, voltou eleito pelo povo e ali esteve até sua trágica morte. Pouco antes, dissera êle: "Só morto sairei do Catete". Ninguém suspeitaria que, naquela declaração, já se ocultava a sua determinação suicida. "O povo subirá comigo as escadas do Catete" — disse Vargas, em sua campanha de 50. Em 54, o povo subiu as escadas do Catete para buscá-lo, numa última homenagem ao homem que — pondo em prática a sua dramática advertência — já não era um Presidente, mas um cadáver.











TERÇA-FEIRA, 24 DE AGÔSTO DE 1954

Getúlio recebe a úl

9 HORAS — Desfilaram perante o Presidente Vargas, de nove horas em diante, os seus parentes, seus ministros, íntimos e altas autoridades. Os jornalistas e fotógrafos esperavam numa espécie de ilha formada em frente ao Catete, a uns cem metros do portão principal. Os seis quarteirões adjacentes se encontravam fortemente policiados por tropas do Exército armadas de metralhadoras portáteis, e o povo era mantido à distância. Desde que as estações de rádio começaram a noticiar, para o país atônito, o trágico acontecimento, tôdas as casas comerciais cerraram suas portas, e comerciários, funcionários, estudantes, donas de casa e crianças sairam para a rua, foram chorar nas ruas desoladas a morte dêsse estranho homem, êsse extraordinário homem que com o seu sorriso e o seu charuto buleversou, na vida e na morte, o povo do seu país.

10 HORAS — Havia indícios de que a exaltação da massa cresceria com o correr do dia. Já às dez horas ela experimentava a resistência das tropas que isolavam o Palácio, aos gritos de "Getúlio! Getúlio! Queremos ver Getúlio!", e o rádio informava incessantemente sôbre o movimento humano na Avenida Rio Branco, Largo da Carioca e cercanias. Havia famílias inteiras chorando lado a lado nas calçadas vazias, pessoas de tôdas as condições sociais; havia grupos mais exaltados que, tomados de uma revolta insopitada e sem objetivo, procuravam alguma coisa em que desafogá-la, depredando indistintamente vitrinas e cartazes de propaganda eleitoral de candidatos oposicionistas.

11 HORAS — Continuavam a chegar ao Palácio figuras de projeção em nossa vida política. Já agora a multidão se estendia por quarteirões e quarteirões, do Largo do Machado à Glória, engarrafando o trânsito de veículos para a Zona Sul. A imprensa continuava do lado de fora. As sucessivas edições dos vespertinos, com suas páginas ocupadas quase que exclusivamente por manchetes, eram esgotadas num segundo.

MEIO-DIA — A mensagem póstuma do Presidente Vargas era lida e comentada entre lágrimas em todos os cantos da cidade. Ao mesmo tempo se tomava conhecimento das pa-











tima visita do povo

lavras do sr. Café Filho, nas quais o sucessor legal do morto pedia que a população se conservasse tranqüila naquela hora dolorosa. Nessa altura a população começava a sentir fome, sêde e cansaço, e, embora alguns apenas conseguissem se sentar no meio-fio, não podendo, como os que permaneciam em pé, saciar a sêde nem a fome, porque todos os bares estavam fechados, ninguém se retirou; às seis horas da tarde lá estaria aquêle mesmo povo, esperando com impaciência o momento de dizer adeus a Getúlio Vargas.

13 HORAS — Foi franqueada a entrada do Catete para os jornalistas e fotógrafos presentes. Pelos jardins espalhava-se um grande número de coroas. O pavimento superior, aonde se encontrava o corpo, era freqüentado apenas pelas pessoas de intimidade da família Vargas. O General Caiado de Castro podia ser visto, em atitude compungida, num dos salões do andar térreo.

14 HORAS — Sendo informado pelo rádio que o povo poderia desfilar diante do corpo do Presidente a partir de uma hora, formou-se imediatamente uma enorme fila que chegou a atingir Botafogo. As ambulâncias não cessavam de ir e vir, socorrendo as vítimas de insolação, vertigem, etc. Dois carros de reportagem da Rádio Globo eram queimados em plena rua, por populares, e começavam a chegar notícias alarmantes dos outros estados, principalmente do Rio Grande do Sul. As emissôras transmitiam programas de músicas fúnebres e sacras. No Palácio, num momento de grande emoção, o Marechal Mascarenhas de Morais avistava pela última vez o rosto sereno de Getúlio Vargas.

17 HORAS — Inicia-se o desfile do povo diante dos restos mortais do Presidente. Milhares de pessoas, que tinham esperado horas a fio pelo momento de penetrar no Palácio do Catete, para ver, pela última vez, o rosto sereno de Getúlio, organizam-se, ordeiramente, em fila indiana, que se estende por quarteirões e quarteirões, atingindo desde a Glória até Botafogo. No Palácio, à medida que o povo desfila, cenas comoventes se sucedem, com explosões de dôr incontida. Muitos choram diante do cadáver. Por tôda parte, na cidade, faz um silêncio fúnebre. A Nação está de luto.



D. ALZIRA, DEPOIS DE TER PERMANECIDO NO CATETE ATÉ ALTA MADRUGADA, LÁ VOLTOU COM A TERRÍVEL NOTÍCIA DE QUE

No velório do Presidente

Parentes, amigos e auxiliares

Durante todo o dia e a noite em que permaneceu, no Palácio do Catete, o esquife com os restos mortais do sr. Getúlio Vargas, seus parentes, colaboradores, auxiliares diretos e os correligionários ali permaneceram, profundamente consternados, para a última homenagem ao chefe do Executivo.



O leal Secretário da Presidência da República, Embaixador Lourival Fontes, sofreu um grande golpe emotivo ao receber a notícia do trágico gesto de Getúlio Vargas.



SEU PAI ACABARA DE SUICIDAR-SE.



D. Darcy não abandonou o espôso, percebendo o drama que êle vivia na madrugada de têrça-feira. Ao lado de onde se deu o suicídio, acorreu logo, mas era tarde.



O governador Juscelino Kubistchek veio especialmente de Minas Gerais, logo que soube do fato. Diante do esquife, com o governador Ernâni do Amaral Peixoto.



Manuel Antônio Vargas e sua espôsa, João Goulart e Márcio de Melo Franco Alves aparecem nesse flagrante, durante o velório do Presidente Getúlio Vargas.



Lutero Vargas foi, como médico, quem primeiro constatou a morte do Presidente da República. Permaneceu durante todo o tempo junto ao corpo de seu pai.



Luzardo, companheiro de Vargas desde a revolução de 1930, esteve no Catete e acompanhou o corpo até São Borja.



O marechal Mascarenhas de Morais, figura decisiva nos últimos períodos da crise, esteve longamente no Palácio do Catete, homenageando o Presidente Getúlio Vargas.



Ao deparar com o Presidente morto, o general Caiado de Castro teve um desfalecimento. Foi dos que mais sofreram com a morte do amigo de tantos anos.

Os últimos instantes

A notícia do trágico suicídio do sr. Getúlio Vargas caiu sôbre a Nação como um raio, como disse, em feliz expressão, o sr. Café Filho. O rádio levou aos quatro ventos a terrível informação : o Presidente da República acabara de matar-se com um tiro de revólver no coração. O país ficou estarrecido. A opinião pública foi traumatizada por um choque emotivo jamais igualado em nossa História.

Agora, passados os primeiros momentos de estupefação, já se pode reconstituir os últimos momentos da vida do sr. Getúlio Vargas, refazendo, com base no depoimento das pessoas que com êle conviveram até os últimos instantes, tôda a série vertiginosa de sucessos que culminaram com o seu gesto surpreendente.

De acôrdo com êsses testemunhos, o sr. Getúlio Vargas estaria já disposto ao suicídio desde alguns dias antes da manhã de 24 de agôsto. A sua inabalável decisão de não se afastar do Poder em hipótese nenhuma, ainda que abandonado por todos, ainda que lhe faltasse a solidariedade das Fôrças Armadas, já escondia, em última análise, o pensamento da morte, que êle afinal pôs em prática. Todavia, a sua conduta era, até os últimos momentos, de perfeita serenidade aparente. Ninguém suspeitava, pelo menos no princípio, o terrível debate que se passava no íntimo do Presidente e que o levou, finalmente, a optar pelo gesto que comoveu a Nação.

Logo após o atentado da rua Toneleros, que foi a origem de tôda a crise político-militar, o sr. Getúlio Vargas, desejoso de saber se pessoas do círculo palaciano estariam envolvidas naquele episódio, chamou à sua presença o Tenente Gregório Fortunato e perguntou-lhe, de maneira franca e decisiva :

— Gregório, alguém da guarda está envolvido nisso ?

O seu fiel guarda-costas respondeu-lhe que não. O Presidente, sondando-o com um olhar inquiridor, repetiu-lhe a pergunta e teve a mesma resposta: não. Poucos dias depois, chegava ao Palácio a informação, dada pelo Ministro da Justiça, de que um dos autores do atentado era Climério Euribes de Almeida, elemento da guarda pessoal da Presidência. Quando tomou conhecimento da nova, o sr. Getúlio Vargas fêz vir à sua presença o Tenente Gregório e pediu-lhe confirmação da notícia : Climério era, de fato, da guarda do Catete ? O famoso "anjo negro" não teve outro recurso senão confessar que sim, que, de fato, o era. Foi quando o Presidente, assaltado pelas primeiras dúvidas sôbre a conduta e a fidelidade de seu antigo serviçal, indagou dêle de novo :

— E tu, Gregório, não estás metido nisso ?

Gregório, de olhos baixos, respondeu ainda que não, mas, já dessa vez, o sr. Getúlio Vargas não guardou silêncio. Manifestou claramente o seu pensamento :

— Ninguém me convence de que não estejas nesse caso...

Gregório, envergonhado, profundamente humilhado, retirou-se do gabinete presidencial e comentou para alguns elementos presentes então no Palácio :

— Duvidou de minha palavra o homem que nunca poderia duvidar de mim... Tudo posso aceitar, menos que o Presidente não acredite no que lhe digo.

O andamento do inquérito policial-militar viria confirmar a suspeita que a argúcia de Vargas, velho conhecedor de homens e de consciências, tinha levantado contra o chefe de sua guarda pessoal. Gregório estava, de fato, comprometido com os lamentáveis acontecimentos que acabaram no assassínio do major Rubens Vaz.

O Presidente, que não deixou de ler os jornais e de informar-se minuciosamente sôbre a marcha do inquérito e de suas repercussões político-militares, percebeu então a gravidade da situação com que iria defrontar-se. De ânimo firme, porém, depois de meditar sôbre o rumo por que se encaminhava a crise já então francamente declarada, o sr. Getúlio Vargas tomou a decisão de não abandonar o Poder. Fôra eleito pelo povo, em pleito livre e secreto, e cumpriria, até o último dia, o seu legítimo mandato. Foi essa decisão que êle comunicou a várias pessoas que o ouviram a respeito. Foi essa a decisão que êle transmitiu ao sr. Gustavo Capanema, quando o líder do Govêrno na Câmara dos Deputados, foi pedir-lhe instruções a respeito de como deveria encaminhar os debates no Parlamento. Foi essa mesma decisão que êle exprimiu no discurso de Belo Horizonte, por ocasião da última visita oficial que realizaria em sua vida.

A crise político-militar agravou-se. O Govêrno, ouvidos os setores militares, anunciava a sua disposição e capacidade de defender o mandato presidencial até o fim. No domingo, porém, precipitaram-se os acontecimentos, com a reunião dos oficiais-generais da FAB. O brigadeiro Eduardo Gomes, na liderança efetiva de sua corporação, levou aos ministros militares e ao chefe do Estado-Maior Geral das Fôrças Armadas a moção da Aeronáutica pela renúncia de Vargas. A Marinha, sem demora, aderiu ao movimento, tendo o Almirantado comunicado a sua decisão ao Ministro Guillobel. O Presidente, porém, mesmo diante dessas manifestações inequívocas dos líderes de duas das três armas, reafirmou a sua inabalável disposição de não abandonar o Catete. Consultou o Ministro da Guerra sôbre a lealdade do Exército, e obteve resposta otimista : o general Zenóbio garantia-lhe o contrôle de noventa por cento de seus comandados. Diante disso, foram expedidas, em nome do Govêrno, por inspiração direta de Vargas, as duas notas oficiais de que a Nação tomou conhecimento na noite de domingo : uma do Ministro da Justiça e outra do Chefe da Casa Militar, ambas confirmando que o Presidente da República iria "cumprir e fazer cumprir a Constituição", isto é : nada de renúncia forçada, ou mesmo voluntária.

Na segunda-feira, pela manhã, os líderes do Govêrno, insones e estremunhados, confirmavam para a imprensa e o rádio a decisão de que estava imbuído o Presidente. "Não haverá novo 29 de Outubro" — declarou, enfàticamente, o Ministro da Aeronáutica. Por sua vez, o sr. Getúlio Vargas, ouvido pelos repórteres, fazia à Nação a sua advertência dramática, primeiro sinal das disposições que já trazia no seu íntimo :

— Só morto sairei do Catete.

Os observadores da crise político-militar perceberam, então, o impasse para que se caminhava, com a perspectiva de conseqüências imprevisíveis. Ao mesmo tempo, divulgava-se que o Presidente da República só se afastaria de sua posição diante do iminente e irremovível perigo de derramamento de sangue.

Na segunda-feira, a movimentação dos meios militares prosseguiu. Os generais, em cujo meio já se tinha insinuado o desejo da renúncia, reuniram-se, no Palácio da Guerra, com o Ministro Zenóbio da Costa. Depois de uma reunião histórica, o titular da pasta da Guerra dirigiu-se ao Catete, para levar ao sr. Getúlio Vargas a notícia de que, infelizmente, já não podia garantir-lhe, como na véspera, a solidariedade do comando do Exército. Trinta e cinco generais já se tinham comprometido com seus colegas da Aeronáutica e da Marinha, no propósito de levar ao Presidente a sugestão de sua renúncia, para "restaurar a tranqüilidade do país."



A ÚLTIMA AUDIÊNCIA

No Catete, Vargas ouviu, na véspera do seu trágico gesto, as donas de casa.

do Presidente Vargas

Diante disso, o Presidente convocou uma reunião do ministério. Era 1 hora da madrugada. Como sempre, Vargas sentou-se à cabeceira da mesa e presidiu à reunião de seus auxiliares diretos, aos quais se juntavam alguns familiares e pessoas de sua intimidade. A disposição do Presidente não era diferente: não renunciaria. Às 2 horas e alguns minutos, o sr. Getúlio Vargas levantou-se e fêz a comunicação que, mais tarde, seria dada a conhecer:

— Já que os senhores não decidem, eu vou decidir. Minha determinação aos Ministros-Militares é no sentido de que mantenham a ordem e respeitem a Constituição. Nestas condições estarei disposto a solicitar uma licença, até que se apurem as responsabilidades. Caso contrário, se os insubordinados quiserem impôr a violência e chegarem até o Catete, levarão apenas o meu cadáver.

Diante dêsse dramático comunicado, alguns dos presentes tiveram a percepção de que o Presidente da República estava então anunciando o seu propósito suicida. A serenidade de Vargas não parecia, porém, alterada. Suas palavras eram firmes, seus gestos, normais.

Naquele momento, no entanto, já o sr. Getúlio Vargas tinha escrito a carta que encerraria o seu testamento político. Fizera-a datilografar em três vias, assinara uma delas (a que mais tarde entregou a João Goulart) e guardara duas consigo, no seu gabinete particular. No princípio da reunião, os presentes notaram que o Presidente tinha nas mãos alguns pápéis: entre êles, estava, com certeza, a carta do homem que, pouco depois, iria matar-se. Enquanto durou a reunião ministerial, observou-se também que o Presidente escrevia qualquer coisa numa fôlha de papel. Só mais tarde viriam todos a saber que êle transmitia ao país as suas últimas palavras: "À sanha dos meus inimigos, deixo o legado de minha morte. Levo o pesar de não ter feito pelos humildes tudo que desejava."

Finda a reunião, Vargas recolheu-se aos seus aposentos. Os ministros, ainda perplexos com os rumos da crise, já se dispersavam, quando ocorreu a idéia de uma nova reunião entre êles, sem a presença do Presidente. Movera-os, a alguns pelo menos, a suspeita de que o sr. Getúlio Vargas levava o desígnio sinistro de uma saída dramática para a crise. De qualquer forma, já era geral a convicção de que o Presidente não se deixaria intimidar.

Na segunda reunião ministerial, na ausência de Vargas, os seus auxiliares diretos estudaram então uma fórmula capaz de contornar a dramática situação já perfeitamente delineada. Foi quando o Ministro Tancredo Neves levantou a sugestão do licenciamento, fórmula em que não se tinha ainda pensado. Todos postos de acôrdo, redigiram a nota oficial que é do conhecimento público e levaram-na ao Presidente, recolhido aos seus aposentos particulares. O próprio Ministro da Justiça comunicou-lhe o texto da nota. Depois de lê-la, com tranqüilidade, o Presidente manifestou a sua anuência: sim, concordava com o licenciamento por noventa dias, até que se apurassem, por inteiro, as responsabilidades do atentado da rua Toneleros. Os chefes militares, representados nos três ministros da Guerra, da Aeronáutica e da Marinha, davam-lhe plena garantia, sob compromisso de honra, de que a ordem seria mantida e as instituições não seriam feridas. Eram quase quatro horas da manhã. A reportagem, ansiosa, aguardava o desfecho dos acontecimentos e, pouco depois, às 4,45, tomava conhecimento da nota que anunciava o licenciamento.

Tudo parecia terminado. Já o rádio proclamava o fim da crise, com a ordem pública perfeitamente assegurada. Mas estava-se longe de imaginar o que viria depois. Nos seus aposentos, o sr. Getúlio Vargas, sòzinho, parecia repousar, ou, quem sabe, meditar sôbre os acontecimentos. Junto a êle, já pela manhã, estava o barbeiro presidencial (Barbosa), a quem Vargas pediu que se retirasse, para que pudesse dormir um pouco. Deixando o seu gabinete, o Presidente passou a outra dependência do Palácio, ainda na parte residencial, e apanhou o revólver com que iria pôr fim à vida. Às 8,43, ouviu-se o estampido que chamou a atenção de todos os presentes. O ministro Osvaldo Aranha e o General Caiado de Castro estavam entre os primeiros que acorreram aos aposentos do Presidente — e já o encontraram agonizante. Aranha, não resistindo ao choque emocional, abraçou-se ao cadáver de seu amigo de tantos anos, em pranto. O general Caiado de Castro, igualmente traumatizado, teve um desfalecimento. Em pouco, chegavam as demais pessoas presentes no Catete. O sr. Lutero Vargas, chorando convulsivamente, constatou o óbito de seu pai, que já não pôde ser socorrido quando chegou a Assistência. Em sua casa, o ex-ministro João Goulart repousava, já tendo mesmo dormido. Recebera, pela madrugada, a carta de Vargas, que lhe dissera:

— Toma, guarda esta carta e só a leias depois.

Acordado pela trágica notícia, o sr. Goulart abriu o envelope e encontrou então as amargas palavras que tôda a Nação iria em pouco conhecer. Em cima da secretária do Presidente, estava o bilhete já mencionado. Depois de concordar com o seu licenciamento, o sr. Getúlio Vargas não mais se avistara com qualquer dos seus auxiliares e ministros. Apenas um de seus familiares o procurara, no quarto, e comunicara-lhe a versão que certamente contribuiu para precipitar o gesto extremo do Presidente: o licenciamento por noventa dias era apenas um recurso encontrado para o seu afastamento do Poder, mas, na verdade, aquilo significava a renúncia definitiva, pois Vargas, dada a situação político-militar, não mais voltaria ao Catete como chefe do Executivo.

O suicídio do Presidente aclarou as suas palavras a algumas das pessoas que por último o viram. Quando o marechal Mascarenhas de Morais fôra comunicar-lhe a sugestão dos brigadeiros, Vargas apenas disse:

— Daqui só saio morto. Estou muito velho para ser desmoralizado e já não tenho razões para temer a morte.

Ao sr. Café Filho, que lhe fôra propôr uma renúncia dupla, de ambos, Presidente e Vice-Presidente, o sr. Getúlio Vargas disse também, enfática e repetidamente:

— Daqui só morto. Daqui só morto.

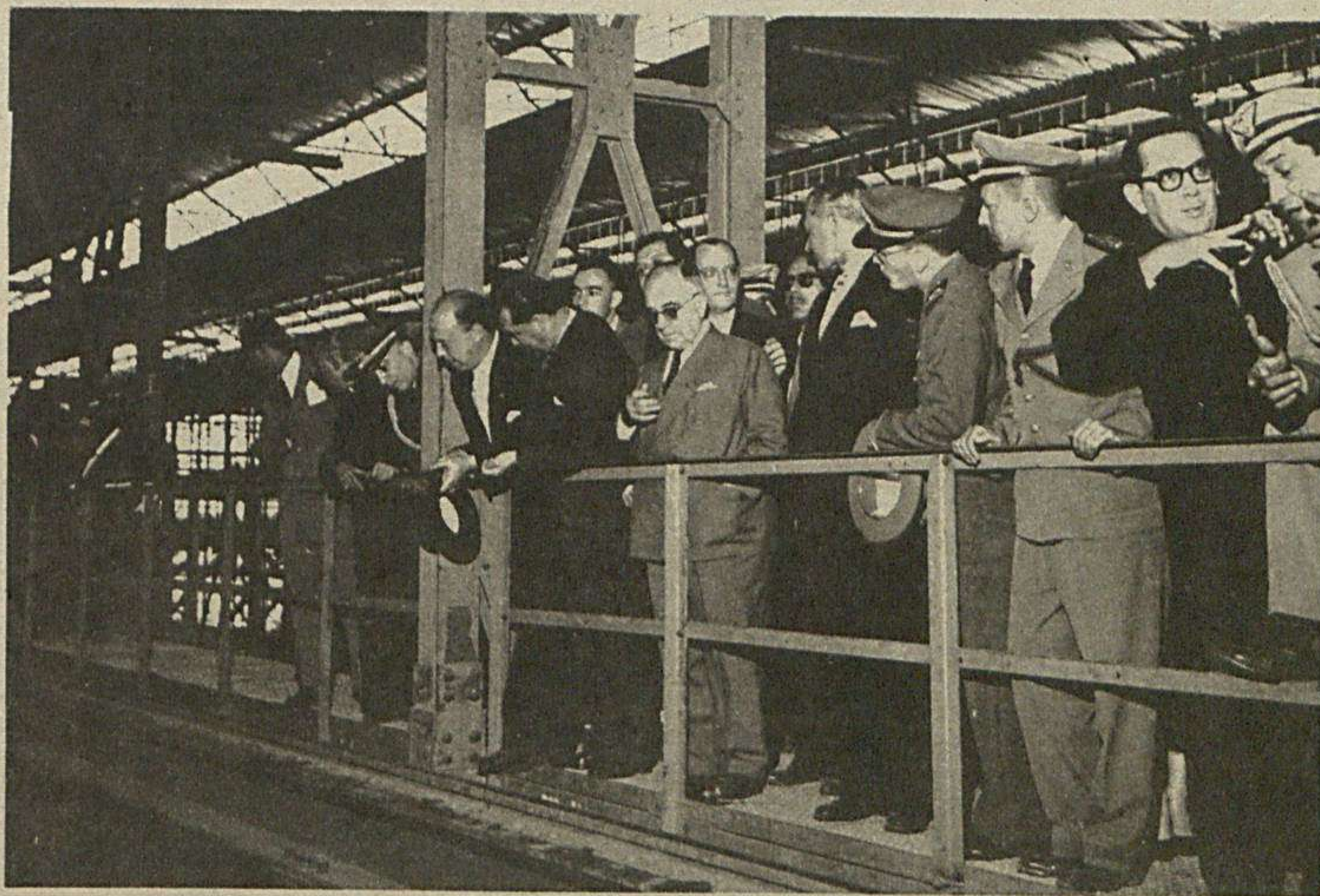
Ouvindo em silêncio as ponderações do sr. Café Filho, com os olhos baixos, o Presidente, depois de examinar a sua proposta, repetiu a decisão de não renunciar. Nos pequenos intervalos do diálogo, segundo o próprio depoimento do Vice-Presidente, Vargas repetia, inabalável:

— Daqui só morto.

Na madrugada de 24, quando a crise parecia solucionada, o Presidente Vargas poderia dar a impressão de que apenas se preparava para repousar. Seu repouso era justo, depois de tantos dias de ansiedade e sofrimento e sobretudo depois de tão longa vida pública, sem similar na História do Brasil.

— Sai, que eu quero dormir um pouco — disse êle ao último serviçal que o viu.

E de fato dormiu, não um pouco, mas para sempre. Deus o guarde na Sua infinita misericórdia.



A ÚLTIMA INAUGURAÇÃO

Em Belo Horizonte (Usina Mannesmann), Vargas pronunciou-se sôbre a crise.

No limiar da morte, êle disse:

"AO ÓDIO RESPONDO COM O PERDÃO"

Pouco depois de circular a notícia do suicídio do sr. Getúlio Vargas, o povo tomava conhecimento da carta que escrevera antes de consumar o seu gesto trágico. Eis a íntegra de seu texto :

"Mais uma vez, as fôrças e os interêsses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencadeiam sôbre mim.

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é impôsto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao Govêrno nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a Justiça da revisão do salário-mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespêro. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

Assumi o Govêrno dentro da espiral inflacionária que destruía os valores de trabalho. Os lucros das emprêsas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sôbre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho êste meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a fôrça para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gôta de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas êsse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue terá o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história."

Getúlio Vargas



O ADEUS DOS CARIOCAS

Incalculável massa popular levou a Getúlio Vargas o seu último adeus. Do Palácio do Catete ao aeroporto Santos Dumont, o povo acompanhou os restos mortais do Presidente, como se vê do esplêndido flagrante que reproduzimos por gentileza de "O Globo", que o colheu e o publicou em primeira mão. Foi uma das maiores manifestações populares jamais verificadas no Brasil.



INDIFERENTE ÀS BAIONETAS, O POVO GUARDA SILÊNCIO E RESPEITO DURANTE O CORTEJO. NO AEROPORTO, GRANDE MULTIDÃO FICOU DE FORA.

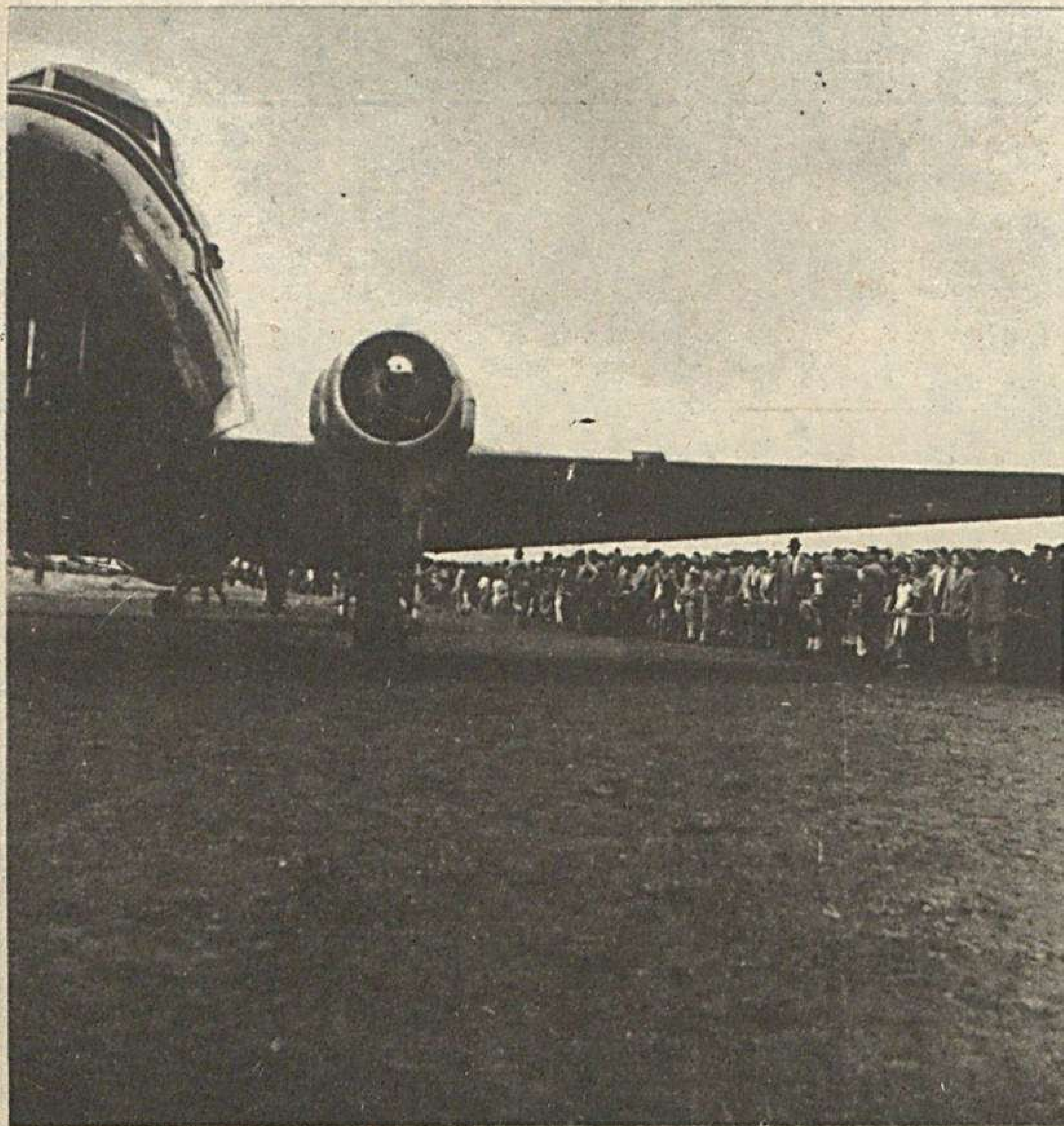


Rumo a São Borja

O ataúde saiu do Palácio do Catete antes da hora anunciada, porque só assim seria possível atingir o aeroporto Santos Dumont de modo a não retardar demasiado a trasladação dos restos mortais do Presidente para São Borja. Carregado por alguns dos auxiliares diretos do Govêrno, o esquife saiu à rua e imediatamente o imenso cortejo fúnebre começou a deslocar-se em direção ao aeroporto Santos Dumont. Ali, não tiveram lugar as honras militares devidas ao extinto, porque a família Vargas pedira dispensa dessa homenagem. Os canhões da Artilharia de Costa disparavam, porém, desde a véspera, de dez em dez minutos, as salvas do estilo. A família recusou também os aviões da FAB que a Aeronáutica pôs à sua disposição. Antes dêsse oferecimento, já uma companhia da aviação comercial tinha se comprometido para levar a São Borja o corpo do Presidente. No embarque, sucederam-se as cenas de emoção. Vários auxiliares do Govêrno de Vargas não podiam conter as lágrimas, naquela despedida dramática. O ministro Apolônio Sales chorava. Em pouco, o avião decolou, rumo a São Borja.

Foram muitas as cenas de desespêro em que o povo deixava transparecer o seu sofrimento pela morte de Vargas. Essa mulher não resistiu à emoção e, durante o cortejo, sentou-se na calçada, entre soluços.





Em São Borja, a massa popular aguardava a chegada do avião que conduzia os despojos de Vargas. Gente de todo o Rio Grande para lá se dirigira, a fim de esperá-los.



Abre-se a porta do avião. O povo não se contém e invade o campo, querendo chegar até o esquife, que nos ombros é levado para a Prefeitura, onde o visita a população,

OS RESTOS MORTAIS DE GETÚLIO VARGAS ESTÃO AGORA EM SUA TERRA NATAL. SEGUE-OS A MULTIDÃO DE CONTERRÂNEOS DO PRESIDENTE.

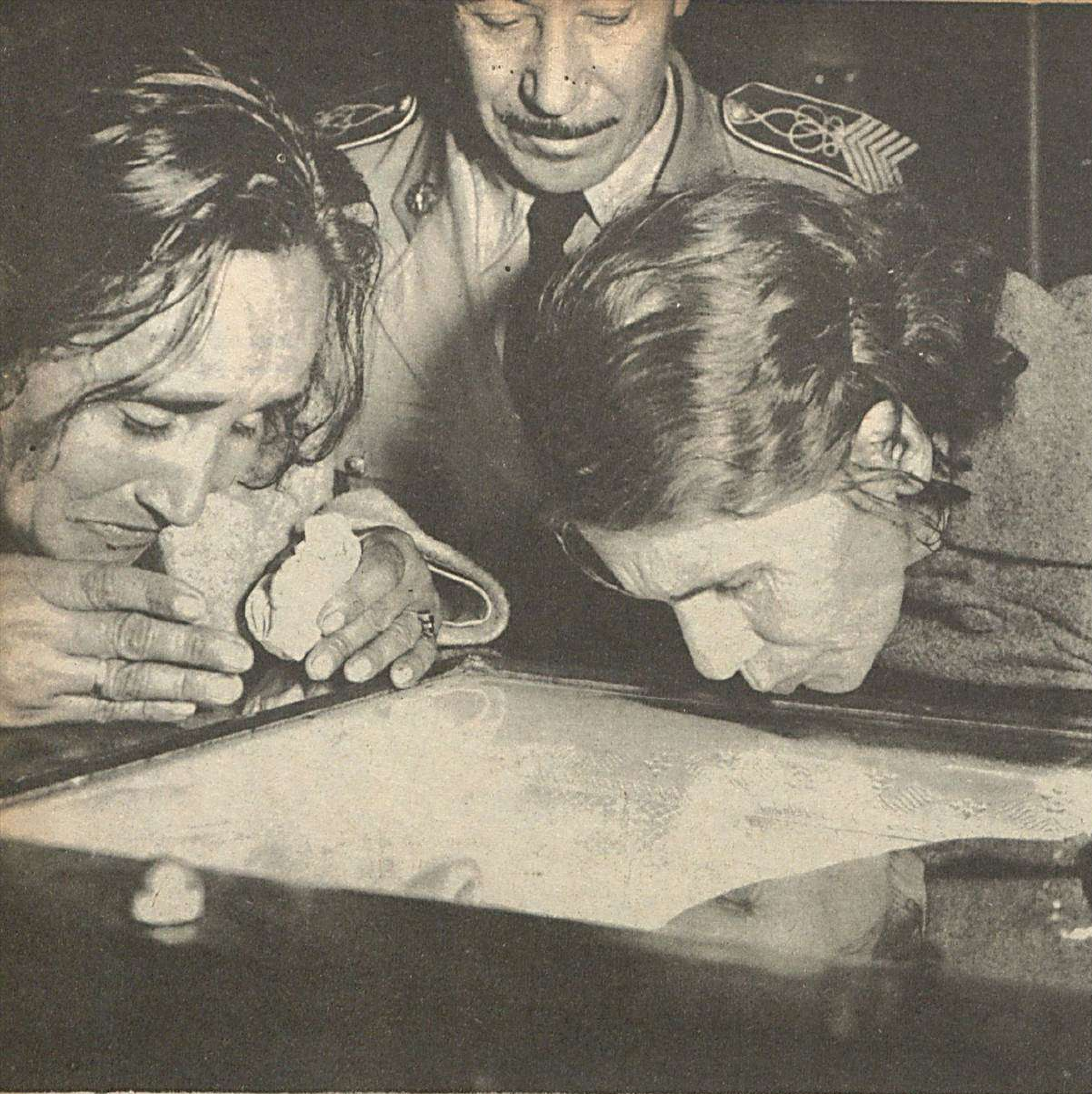


Vargas volta à sua terra natal

Gente de todos os municípios do Rio Grande, improvisando meios de transporte, dirigiu-se a São Borja, para esperar o corpo do Presidente Vargas que lá nasceu e que lá sempre voltou em alguns momentos decisivos de sua vida.

À FRENTE DO CORTEJO, MISTURAM-SE POLÍTICOS IMPORTANTES E SIMPLES POPULARES. O GOVERNADOR APARECE EM PRIMEIRO PLANO.





MULHERES DO POVO, DEBRUÇADAS SÔBRE O ATAÚDE, CHORAM CONVULSIVAMENTE.





O adeus dos gaúchos

Durante o dia de quarta-feira e a noite de quarta para quinta, o povo do Rio Grande do Sul desfilou diante do cadáver de Getúlio, prestando a última homenagem ao homem que nasceu nos pampas e a êles se conservou sempre fiel.





Tôda a família Vargas esteve presente ao sepultamento de Getúlio. O velho Protásio não se afastou do esquife.



O trabalhista Alberto Pasqualini, candidato ao govêrno do Rio Grande, participou das últimas homenagens





MANUEL E LUTERO VARGAS, JOÃO GOULART, TANCREDO NEVES E ERNESTO DORNELES NOS DERRADEIROS INSTANTES DO VELÓRIO.

O jornalista Samuel Wainer, de "Última Hora", acompanhou os restos mortais de Getúlio até São Borja e de lá voltou no avião que trouxe ao Rio a família Vargas.

Típicos homens dos pampas, com suas bombachas tradicionais, estiveram presentes na câmara ardente. As explosões de desespêro e sentimento foram muito freqüentes.







DESCANSA EM PAZ

Aqui termina meio século de vida pública agitada e controversa do homem que uma revolução levou ao Poder, e nele permaneceu durante dezenove anos que mudaram completamente a paisagem política e social do Brasil.



Quando Getúlio Vargas chegou à chefia do Govêrno, em 1930, era uma bandeira de esperança para o Brasil.

Vinte e quatro anos depois, a velhice e a infância se inclinam, respeitosamente, diante de seu cadáver.





Na cidade onde nasceu Getúlio, velhos e moços, seus conterrâneos, preparam-se para levar-lhe o corpo ao túmulo. A pequena cidade ficou paralizada, num ambiente de tristeza e angústia que significavam a dor do seu luto.

O CAMINHO DO CEMITÉRIO

Quarenta mil pessoas acompanharam o corpo de Getúlio Vargas, pelas ruas de São Borja. O cortejo fúnebre, na pequena cidade fronteira em que nasceu o Presidente, estendeu-se da sede da Prefeitura, onde o corpo foi velado, até o ingênuo cemitério, onde Vargas repousa agora, no jazigo de sua família.



Fôrças da Polícia Militar e do Exército procuraram manter a ordem, evitando os tumultos tão lamentáveis que se verificaram em outros pontos do país.



Em São Borja, cidade da fronteira, nasceu Getúlio Vargas, que por tantos anos influiu nos destinos dêste país. Em São Borja, iniciou também a sua vida profissional, como advogado, e de lá recebeu o seu primeiro mandato popular, como deputado estadual. Ainda em São Borja se conservou no seu ostracismo, de 45 a 50.



Mulheres e crianças, no dia frio, assistiam estupefatas ao solene desfile. A multidão mostrava-se grave e compenetrada e o cortejo se fêz em doloroso silêncio.



De mãos dadas, a gente simples de São Borja acompanhou o entêrro de Getúlio Vargas, como que a protegê-lo. Todos levaram o seu adeus ao Presidente.



Os poucos mausoléus do pobre cemitério do interior foram usados como pontos de observação dos inúmeros acompanhantes que desejavam presenciar a descida dos restos mortais do Presidente Getúlio Vargas ao túmulo.



TANCREDO, D. DARCY, D. ALZIRA,

GETÚLIO VARGAS INGRESSA NO

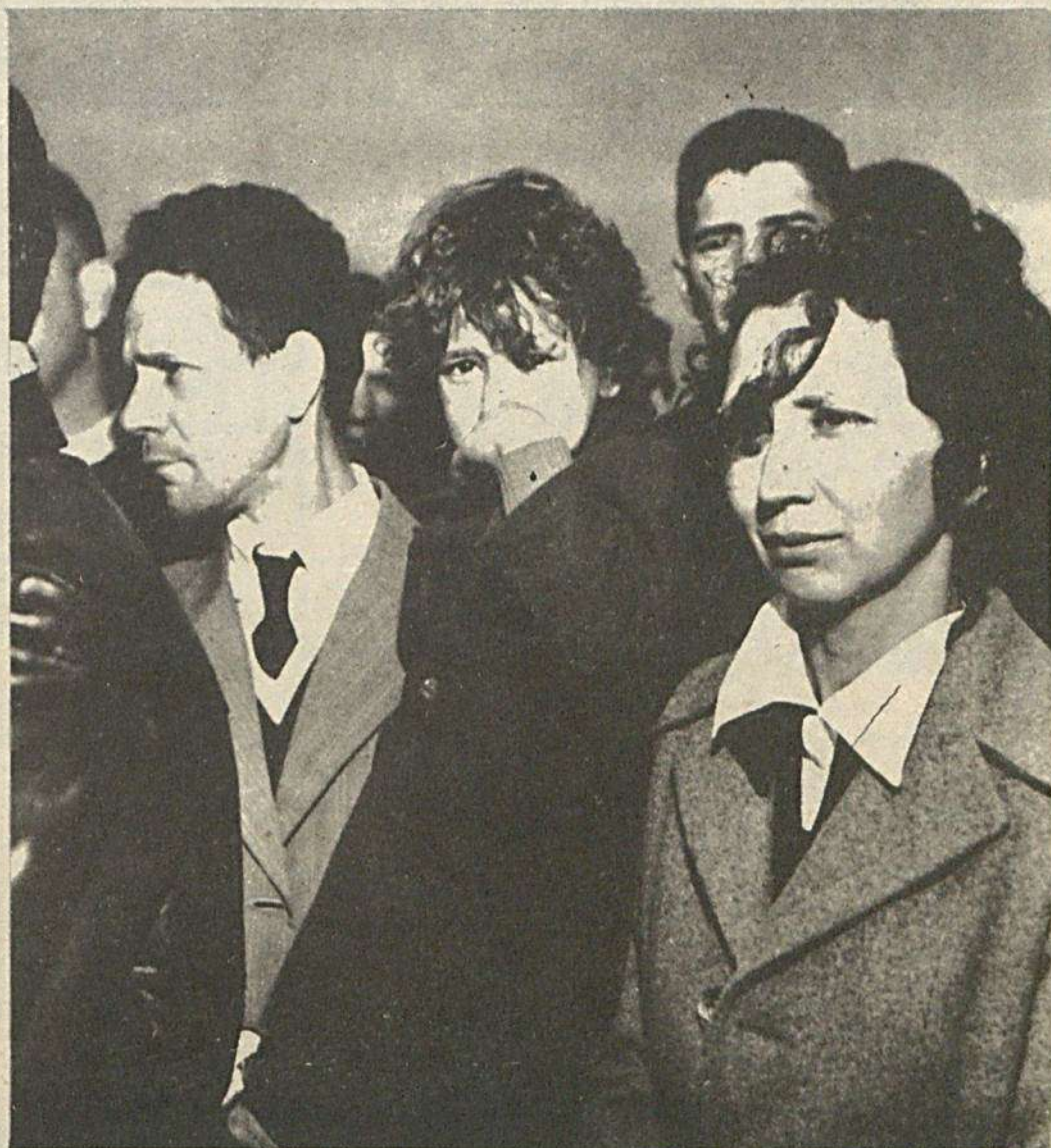


CAPÍTULO FINAL: SEPULTAMENTO

O cemitério de São Borja foi pequeno para conter a multidão que acompanhou Getúlio Vargas até a sua última morada. Muito próximo do momento de seu corpo baixar à terra, a emoção pareceu ainda mais intensa, pairando sôbre a massa popular um pesado silêncio apenas entrecortado pelos soluços dos que não continham a sua dor. Os amigos e parentes de Vargas, acabrunhados pela tragédia, cercavam o caixão que em pouco ia ser enterrado.



ARANHA E LUTERO DIANTE DO TÚMULO DE VARGAS.



Apesar da grande massa popular presente ao ato, o sepultamento de Vargas se processou dentro da mais perfeita ordem. Mais tarde, porém, a agitação voltaria.

CEMITÉRIO NOS OMBROS DE SEUS CONTERRÂNEOS.





Populares se obrigaram a verdadeiras acrobacias, para assistir ao entêrro. Vários oradores falaram à beira do túmulo, despertando emoção e lágrimas nos presentes.



JANGO GOULART
"Teu nome será sempre a nossa bandeira"



TANCREDO NEVES
"Minas aqui está ao lado dos teus gaúchos"

OS AMIGOS SE DESPEDEM E JURAM FIDELIDADE

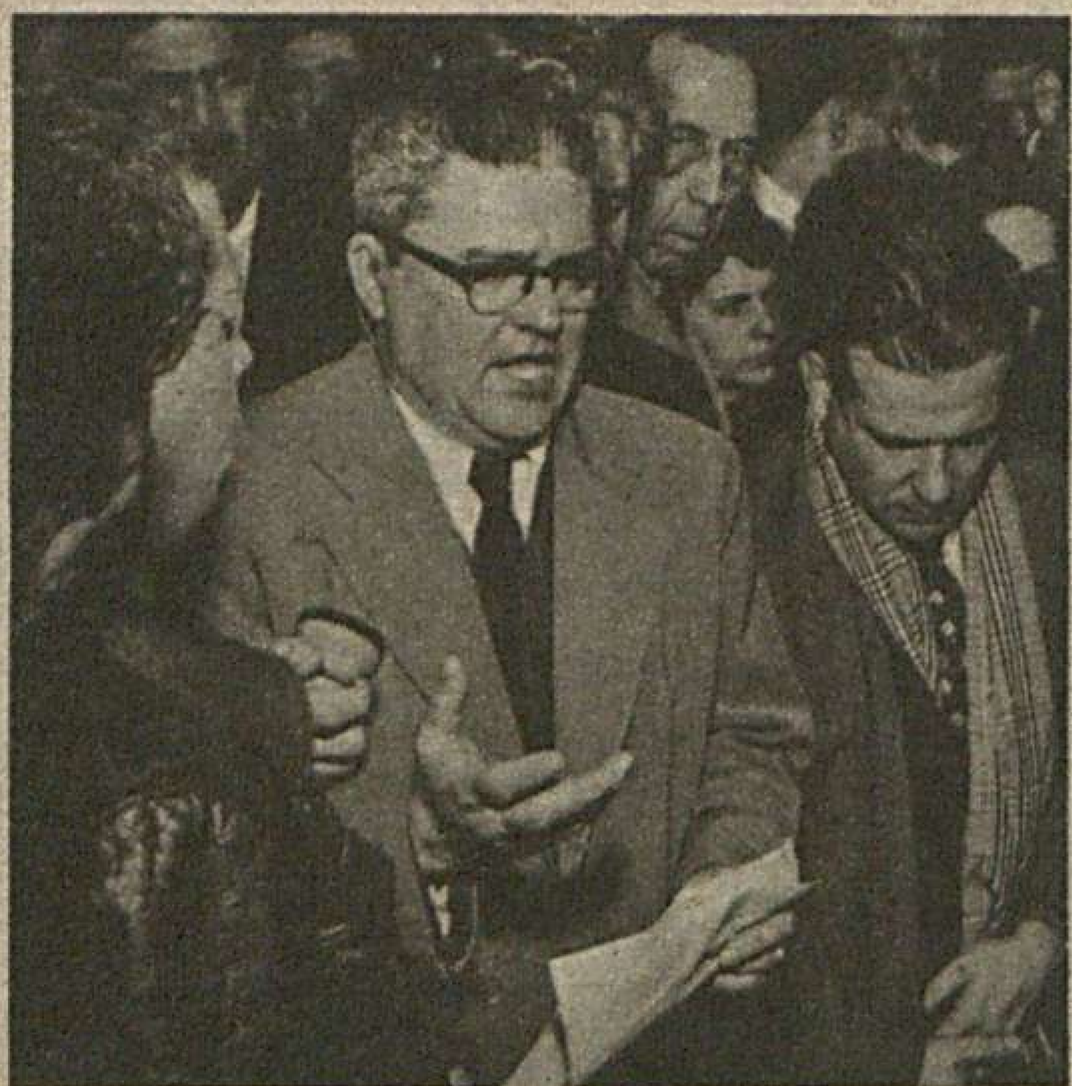




ERNESTO DORNELES
"Serás sempre o líder do povo brasileiro"



RUI RAMOS
"A pátria só pode chorar os grandes homens"



DI PRIMO BECK
"Teu túmulo será o santuário dos trabalhistas"

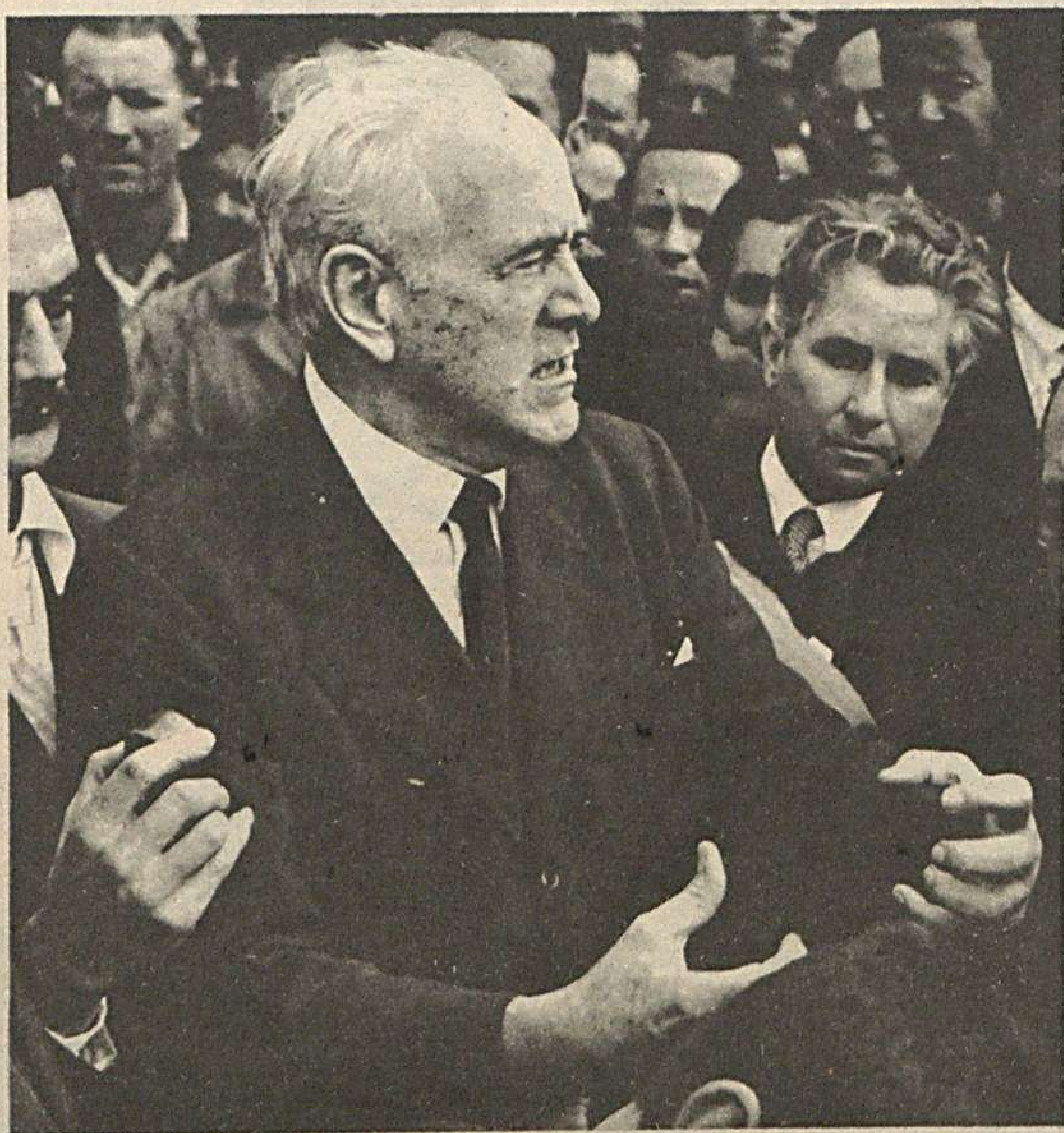


PARAÍLIO BORBA
"A energia do Paraná está pronta para a luta"

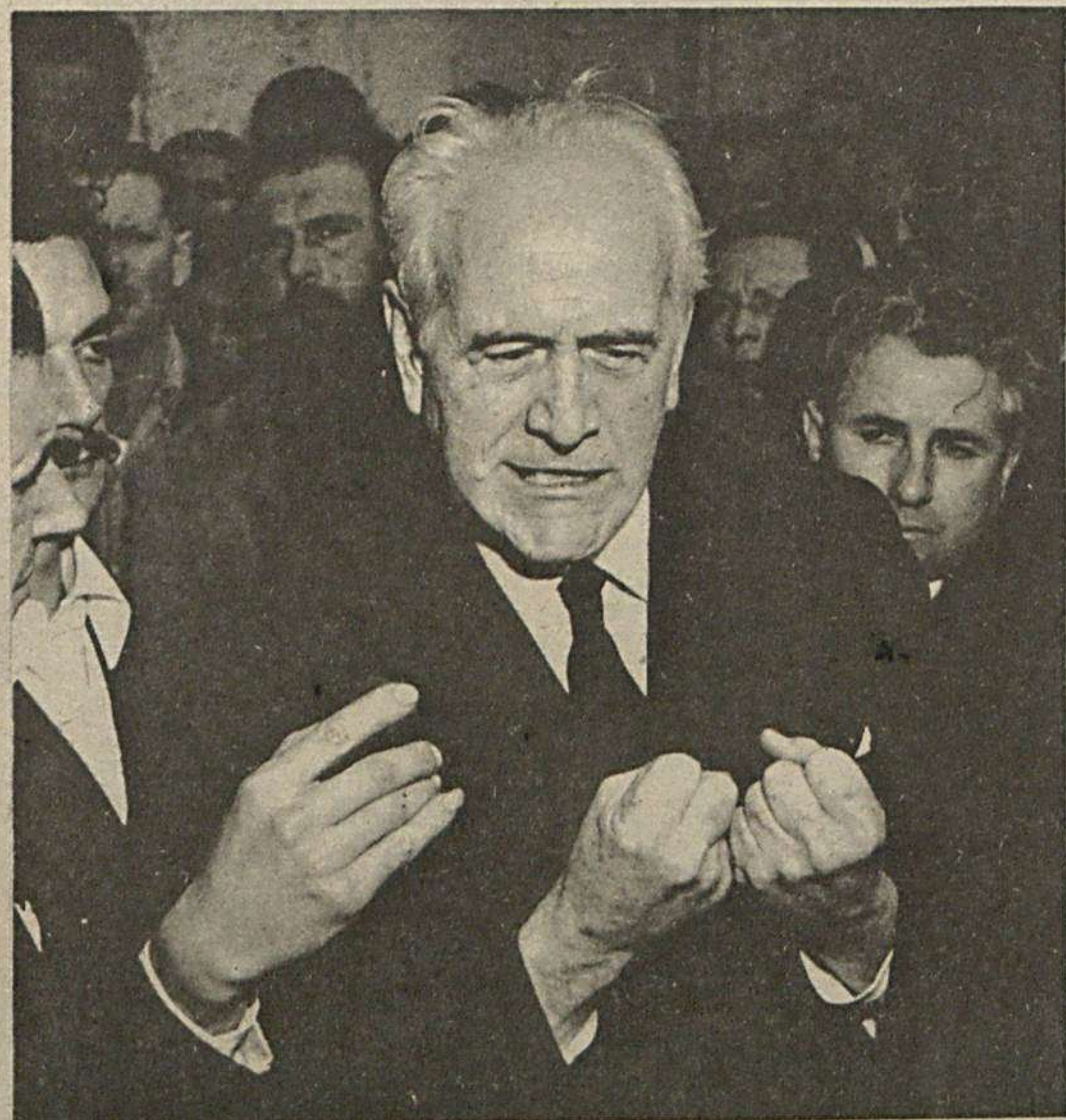


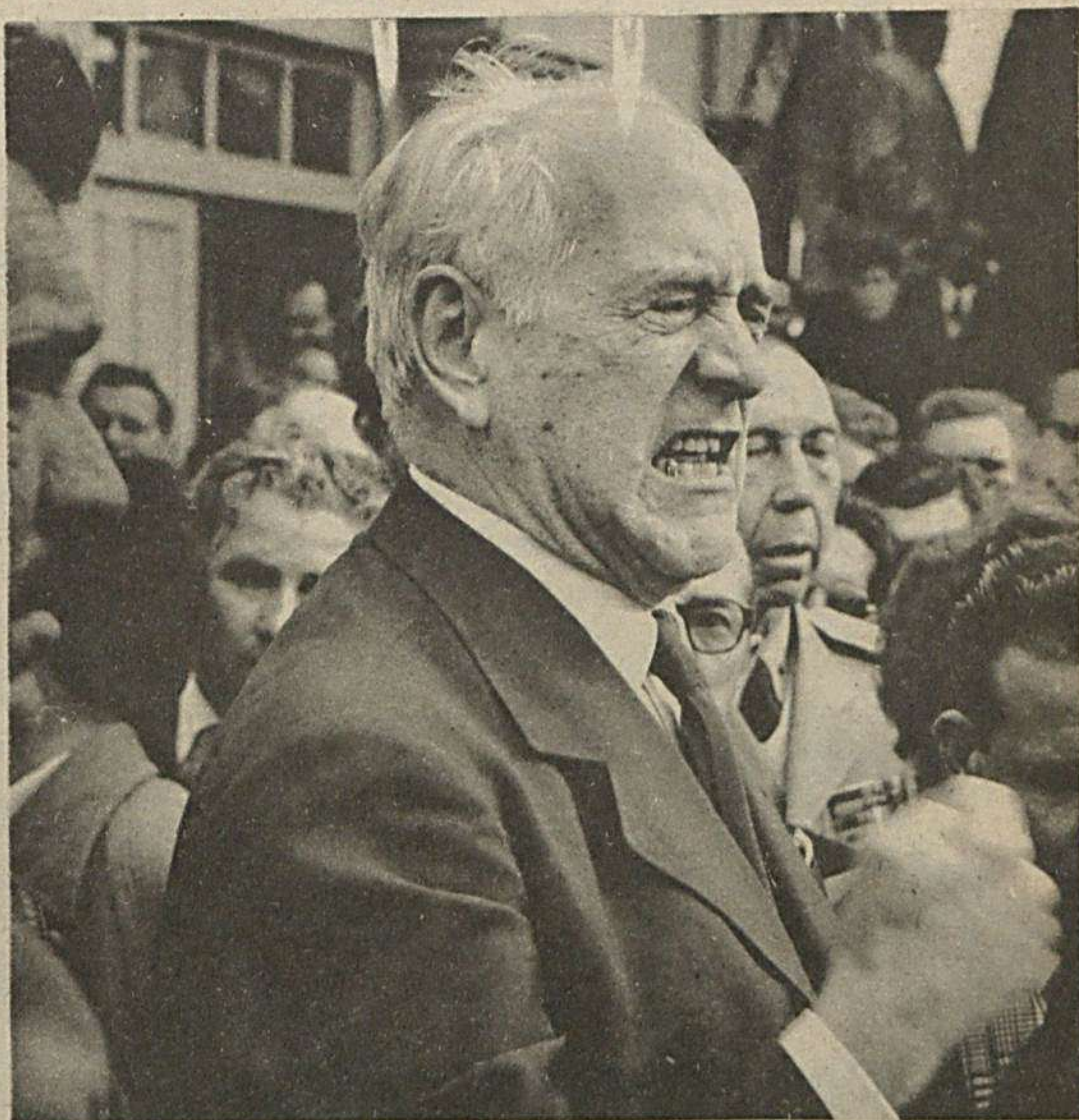
OSVALDO ARANHA À BEIRA DO TÚMULO:

"Juro que continuaremos a tua luta"









"QUERO te dizer que teu povo chora por ti como nunca pensei que pudesse chorar" — disse o sr. Osvaldo Aranha, no seu patético discurso à beira do túmulo do Presidente Vargas. E prosseguiu: "Getúlio, nós saímos juntos daqui, há vinte e poucos anos. Íamos todos levados pelo teu ideal, em favor dos humildes. Agora, volto sòzinho, porque tu morreste para que nós, os teus amigos, que te assistiam, não morrêssemos contigo e, se ainda vivemos, é porque te antecipaste. Por amor a teus amigos, preferiste vencer-te a ti mesmo." Todo o discurso do ex-ministro da Fazenda, colaborador de Vargas desde o movimento revolucionário de 1930, seu ministro várias vêzes, teve acentos dramáticos que impressionaram profundamente os presentes e estão obtendo ampla repercussão na opinião pública. O discurso de despedida de Aranha marcou também uma linha política dos que se comprometem a seguir a lição do Presidente morto e à qual o orador jurou fidelidade. "Saímos juntos daqui — continua a oração — e não voltamos juntos porque tu poupaste a minha vida. Juntos vivemos, juntos sonhamos. As tuas decisões foram sempre as melhores. Olhando para ti, estou olhando para o Brasil. O que será de nós, neste transe que se abre? Nós te continuaremos na morte, mais fiéis do que na vida." O ministro Osvaldo Aranha teve palavras duras para "os que traíram e que cometeram a maior das afrontas." E acrescentou: "Somos pelo amor, pela conciliação, pelo entendimento entre os humildes e os homens capazes de assumir responsabilidades, mas jamais com os traidores. Desarmem-se êles, como desarmados estamos. Ai daqueles que procuram mudar o curso do destino! Costuma-se dizer que, para escrever a História do Brasil, é preciso molhar a pena no sangue. No futuro se dirá: quando se quiser escrever a História do Brasil, será preciso molhar a pena no teu coração, Getúlio." Osvaldo Aranha, enfàticamente, jurou continuar a luta de reivindicação social empreendida por Vargas.

O MUNDO DIANTE DA MORTE DE VARGAS

"THE TIMES", de Londres :

"A morte, em circunstâncias dramáticas, do sr. Getúlio Vargas, vai talvez marcar o fim de uma era, como foi o caso de sua vinda ao Poder, há 24 anos. O sr. Getúlio Vargas era ó campeão das massas, o homem que pela primeira vez na história do Brasil deu aos trabalhadores o direito de defender os seus destinos. As circunstâncias de sua morte não podem deixar de ter uma influência profunda sôbre os sentimentos dêsse povo essencialmente sentimental."

•

"THE NEW YORK TIMES", de Nova Iorque :

"Poucos acontecimentos, em tôda a história da América Latina, têm sido tão pasmosos como o suicídio de Getúlio Vargas. No primeiro momento de estupefação, é impossível calcular conseqüências; mas terão de ser profundas, primeiro para o Brasil e depois para o resto do hemisfério."

•

"OSSERVATORE ROMANO", do Vaticano :

"Não há precedentes, na história moderna, do suicídio de um chefe de Estado. O finado não pensou que uma partida perdida na mesa do conselho de ministros não se pode identificar com uma partida perdida no pano verde."

•

"LE MONDE", de Paris :

"A queda de Vargas é uma vitória para os círculos direitistas, para as famílias que são demasiado ricas e estão mal situadas para dar lições de moral e de civismo."

•

"GIORNALE d'ITALIA", de Roma :

"Com Vargas desapareceu uma figura discutida, que conquistou o respeito de todos por sua excepcional personalidade. E provável que a verdadeira crise interna do Brasil não tenha terminado, e sim começado."

•

"DIE TELEGRAF", de Berlim :

"O segundo período governamental de Vargas, depois de 1950, não foi no fundo uma volta mas uma contínua perda de prestígio pessoal. No transcurso dos quinze anos do seu govêrno, de 1930 a 1945, êle, contudo, abriu ao Brasil o caminho para um desenvolvimento que lhe assegurará lugar duradouro na história do país."

•

"ARRIBA", de Madrid :

"O getulismo não era uma política rígida. Marcou, porém, um fenômeno histórico do Brasil : a passagem da época dos fazendeiros para a industrialização do país como potência mundial do futuro na família das nações."



Comoção e distúrbios ▶

AGITAÇÃO NAS RUAS DE NORTE A SUL

Logo que soube da morte do presidente Getúlio Vargas, o povo tomou as ruas do Rio. Com o comércio fechado e a natural onda de boatos, os populares foram se aglomerando nas ruas vizinhas do Palácio do Catete. A massa foi aumentando com o correr do tempo e, na parte da tarde, começaram agitações mais graves. Grupos de centenas de pessoas, armadas de pedaços de madeira e dando vivas ao Presidente morto, percorreram as ruas da cidade, rasgando cartazes de propaganda dos candidatos anti-getulistas. Tropas do Exército e da Polícia Militar, além de contingentes da Polícia Especial e investigadores da Polícia Civil, procuraram a todo custo manter a ordem. Assim mesmo, houve a depredação de alguns edifícios, entre os quais o da "Standard Esso". A sede da "Tribuna da Imprensa" esteve sèriamente ameaçada, bem como as da "Rádio Globo" e da Embaixada Americana. Alguns populares, como conseqüência da reação da Polícia, sairam feridos a bala; outros, vítimas do corre-corre. O quebra-quebra não se limitou ao Rio. Também em Pôrto Alegre, o povo, excitado, queimou dois jornais ("O Estado do Rio Grande" e o "Diário de Notícias") e uma estação rádio-emissôra (a "Rádio Farroupilha"), depredando ainda um banco e o consulado americano. Houve choque entre populares e policiais, e dois deputados, Leonel Brizola (do P.T.B.) e Hermes Pereira de Sousa (P.S.D. oposicionista), trocaram tiros, ficando ambos feridos. As agitações em São Paulo, Belo Horizonte e Recife também foram grandes, mas, tanto no Rio como nos Estados, os acontecimentos cessaram e o país volta à normalidade.



Grandes grupos de massa popular abalada com a trágica notícia, percorreram as ruas da cidade, impondo

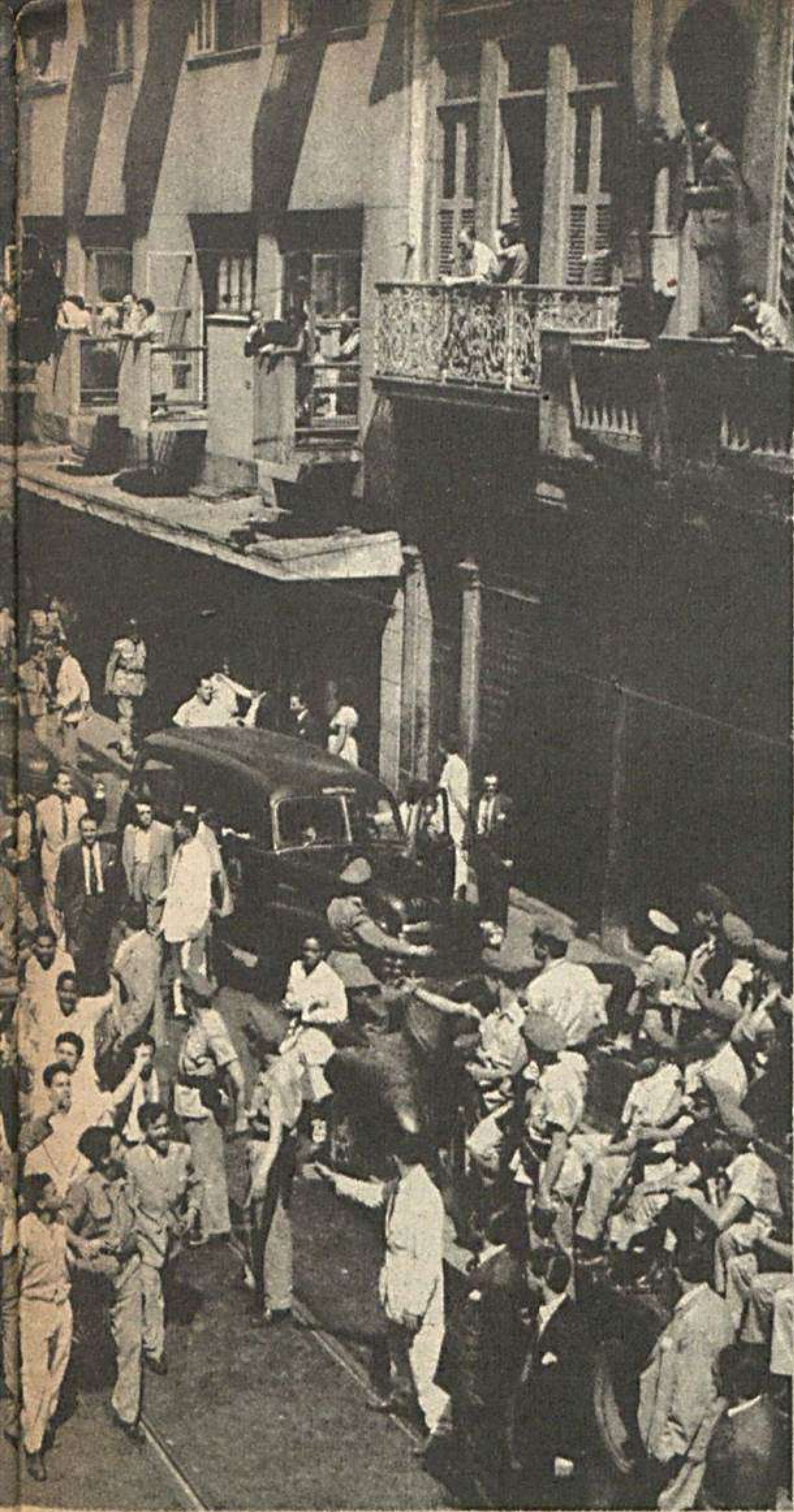
Passado o primeiro momento de impacto emocional com a notícia da morte do Presidente Vargas, o povo iniciou, nas ruas do Rio, manifestações que incluiram excessos, chegando à depredação de casas comerciais.







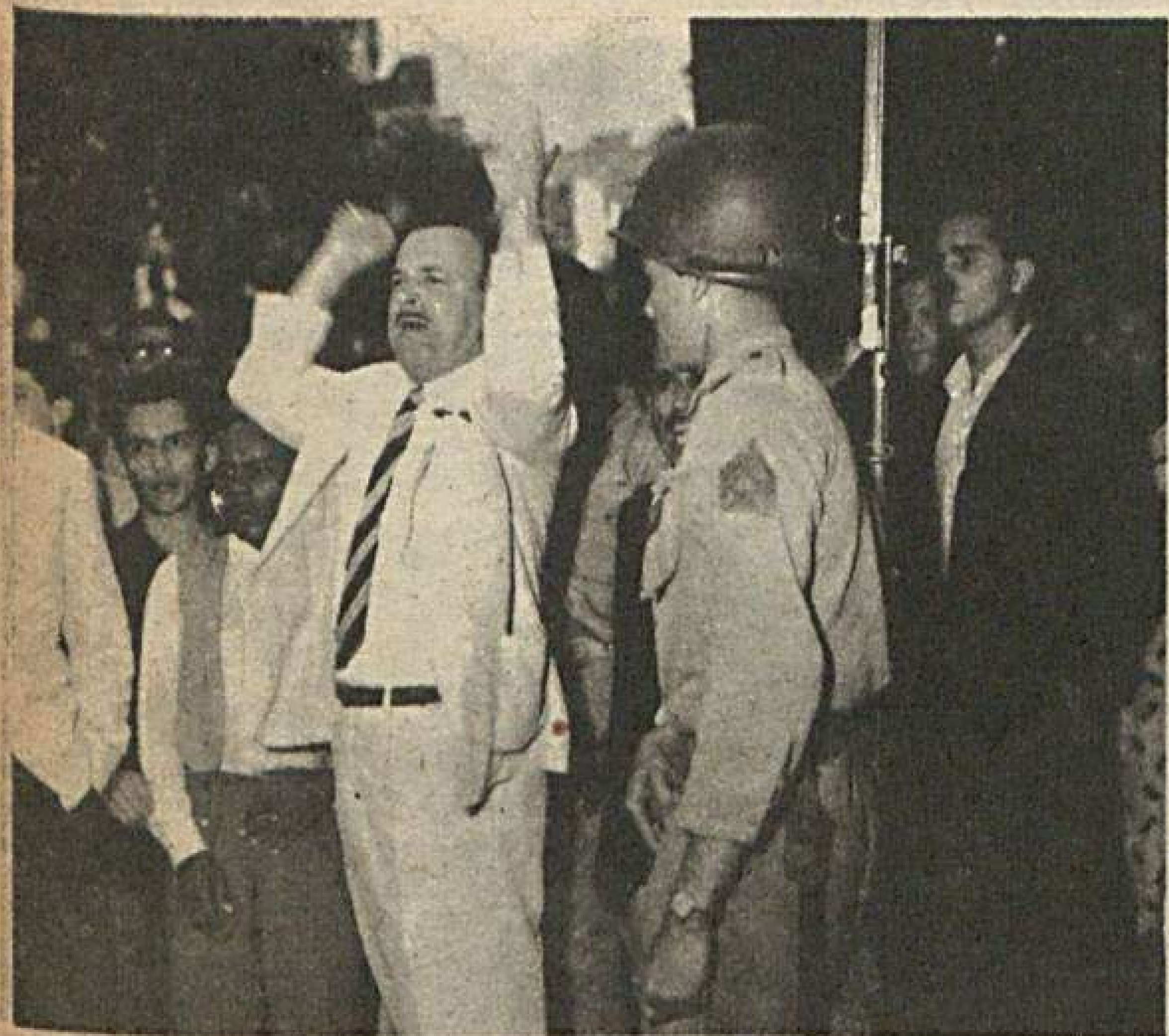
Cenas de ruas se sucediam. Em São Paulo, como no Rio, houve vítimas do corre-corre, logo socorridas.



aos comerciantes que fechassem imediatamente seus estabelecimentos, para o luto total que se fêz no país.



Em São Paulo, logo depois que circularam as ediçõesextra dos jornais, às 9 e meia da manhã, a população iniciou também manifestações, falando líderes petebistas. Repetiram-se as correrias verificadas no Rio.





A multidão ameaçou o edifício da Embaixada Americana, fortemente guardado pela Polícia do Exército



Pela rua 15 de Novembro, em São Paulo, desfilou a passeata de homenagem à memória de Vargas. Dísticos eram levados pelos populares, como êste: "Os reacionários mataram Getúlio. Silêncio. O Brasil está de luto".



Entre os manifestantes, estavam centenas de mulheres. Algumas se despojaram dos sapatos, atirando-os contra os que procuravam manter a ordem.

Três mil pessoas acidentadas nas manifestações

O povo que acorreu ao Catete logo que teve conhecimento da morte do Presidente ali permaneceu durante tôda a noite num velório como nunca se presenciou no país. No dia seguinte pela manhã, quando o corpo de Vargas foi transportado para o aeroporto Santos Dumont e dali seguiu, em avião especial, para São Borja, uma multidão tomou conta de tôda a praia do Flamengo e ruas adjacentes e transportou, a pé, o esquife. A agitação recrudesceu. Grupos de populares realizaram comícios-relâmpago e atacaram os partidos, jornais e estações de rádio anti-getulistas. Até mesmo grupos armados da Polícia, do Exército e da Aeronáutica, quando procuravam manter a ordem, tiveram que fazer disparos para a dispersão dos grupos mais exaltados. Também, durante todo o cortejo fúnebre, no aeroporto e depois que o avião decolou, as cenas de desespêro, chôro e emoção se sucederam. Calcula-se em cêrca de 3.000 as pessoas que foram socorridas pelas ambulâncias e postos médicos. As fotos mostram os acontecimentos durante o cortejo, do Catete ao aeroporto.



A Assistência teve muito trabalho. Os desmaios se sucederam, causa da emoção que tomou conta das ruas por que passou o cortejo.

Muitos populares, colaborando com as autoridades, procuraram prestar socorros às vítimas que apareciam, simultâneamente, em todos os pontos.



Depois que decolou o avião levando os restos mortais do Presidente Vargas, o povo ocupou as ruas do centro, particularmente na Cinelândia.





Soldados e policiais tiveram que dispersar a massa com tiros de festim. Mas houve também tiros de verdade e alguns populares foram atingidos. ↑

↓ Bancos da Praça Floriano foram depredados. Um carro da Rádio-Patrulha foi incendiado. Mas a ordem foi restaurada, fazendo-se várias prisões.







No dia seguinte à morte de Vargas, Café Filho se transferiu para o Catete. Lá esteve Lourival Fontes, para transmitir o cargo de Chefe da Casa Civil. Ainda muito abatido, despediu-se de todos os servidores do Palácio.

O GOVÊRNO MUDA DE MÃOS

NA mesma manhã em que se verificou o suicídio de Getúlio Vargas, o sr. Café Filho, como seu sucessor constitucional, assumiu a presidência da República. Durante o velório do ex-Presidente, o novo chefe do Executivo instalou-se no Palácio das Laranjeiras, de onde iniciou, imediatamente, a sua atividade governamental. Sua tarefa não era pequena. Tratava-se de recompôr o govêrno, tudo fazendo para normalizar o país e restituí-lo à tranqüilidade, mais perturbada ainda com o episódio chocante da morte de Vargas. Felizmente, o país não sofreu abalos maiores e as Fôrças Armadas, de prontidão, contribuiram, patriòticamente, para conter os excessos que poderiam resultar na instauração da desordem. O novo Presidente, anunciando os seus propósitos conciliadores, demonstrou, logo, o seu pulso firme de estadista, solucionando os inúmeros casos que tinha pela frente, sobretudo no que toca à substituição dos mais elevados auxiliares do Govêrno, todos demissionários, como elementos da confiança pessoal do Presidente morto. Na manhã de 25, foi nomeado o Ministro da Aeronáutica, o primeiro a ser convocado e a tomar posse. Assumindo a pasta, o brigadeiro Eduardo Gomes contribuiu para a tranqüilidade do país. "Como soldado e como patriota, não poderia recusar o convite" — disse êle. Veio depois a nomeação do ministro da Justiça, o desembargador Seabra Fagundes, homem apolítico a que foi entregue, como magistrado, a missão delicada de resguardar a limpeza das próximas eleições de 3 de outubro. O general Juarez Távora, líder do Exército, de incontestável autoridade moral, assumiu a chefia da Casa Militar. A Casa Civil coube ao deputado Monteiro de Castro, nome de projeção na política de Minas. No Exterior, Raul Fernandes, que já uma vez ocupou a pasta e que tem notáveis títulos para exercê-la. O ministério do Trabalho foi entregue ao senador Napoleão Alencastro Guimarães, do PTB, e a Guerra coube ao general Teixeira Lott, um nome pacificador. Outros altos cargos foram sendo preenchidos. A pasta da Viação tocou a Minas, na pessoa do engenheiro Lucas Lopes, de comprovada capacidade. A sucessão ministerial se fêz, assim, com normalidade e espírito patriótico.



SEABRA FAGUNDES
Justiça



BRIGADEIRO EDUARDO GOMES
Aeronáutica



ENG. LUCAS LOPES
Viação



ALENCASTRO GUIMARÃES
Trabalho



ALMIRANTE JORDÃO AMORIM
Marinha



GENERAL TEIXEIRA LOTT
Guerra



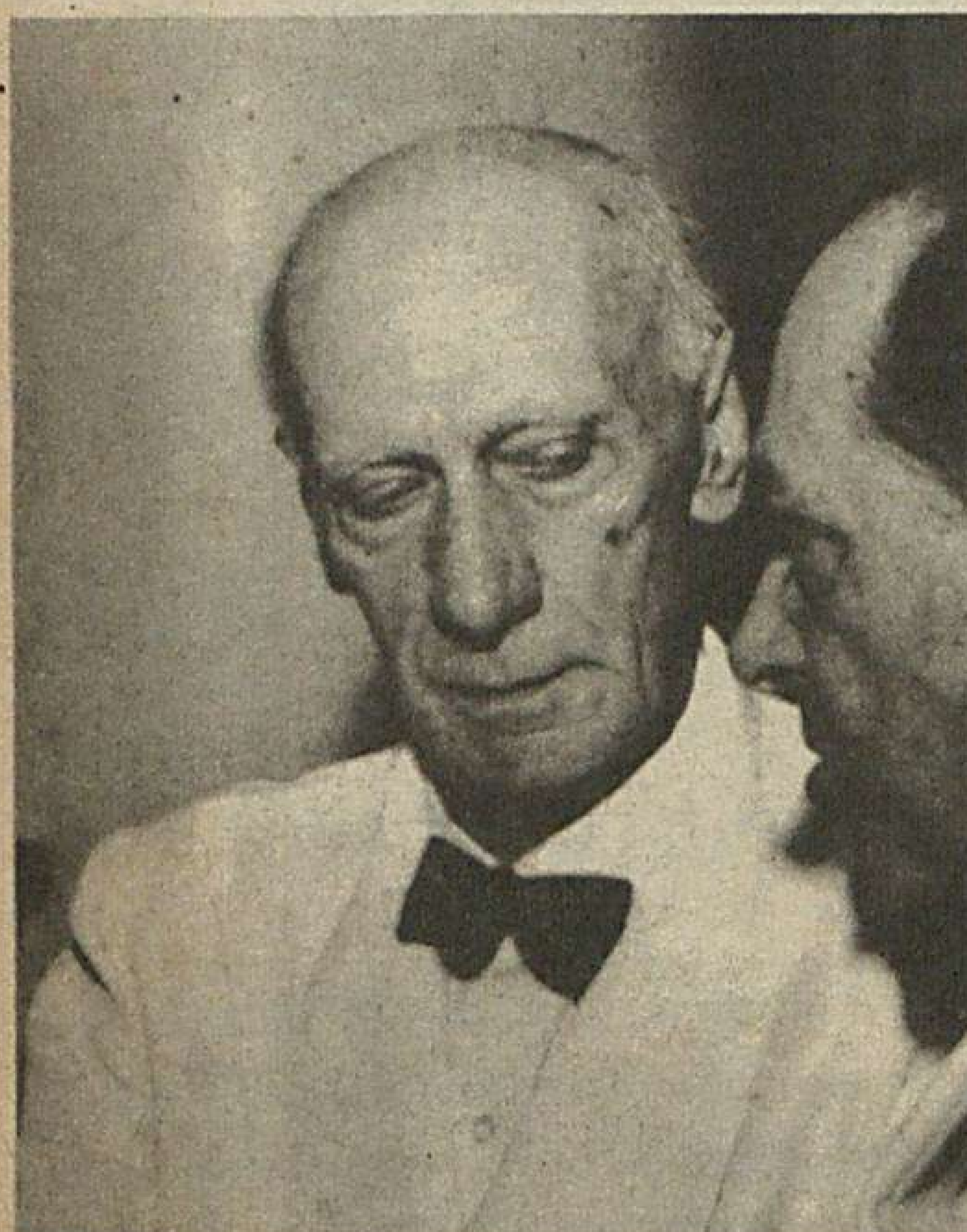
MONTEIRO DE CASTRO
Casa Civil



EUGÊNIO GUDIN
Fazenda



GENERAL JUAREZ TÁVORA
Casa Militar



RAUL FERNANDES
Exterior



O Embaixador Lourival Fontes foi dos mais fiéis amigos de Vargas. Esteve na chefia da Casa Civil desde a posse do Presidente, até a sua morte. Na manhã do dia 26, compareceu ao Catete, para transmitir o cargo ao novo titular, o deputado José Monteiro de Castro (UDN-Minas). Retirou-se, depois, num carro oficial da Presidência, em companhia do senador Durval Cruz e do deputado Amando Fontes, ambos do PR, seus amigos e coestaduanos.

MANCHETE — EXTRA



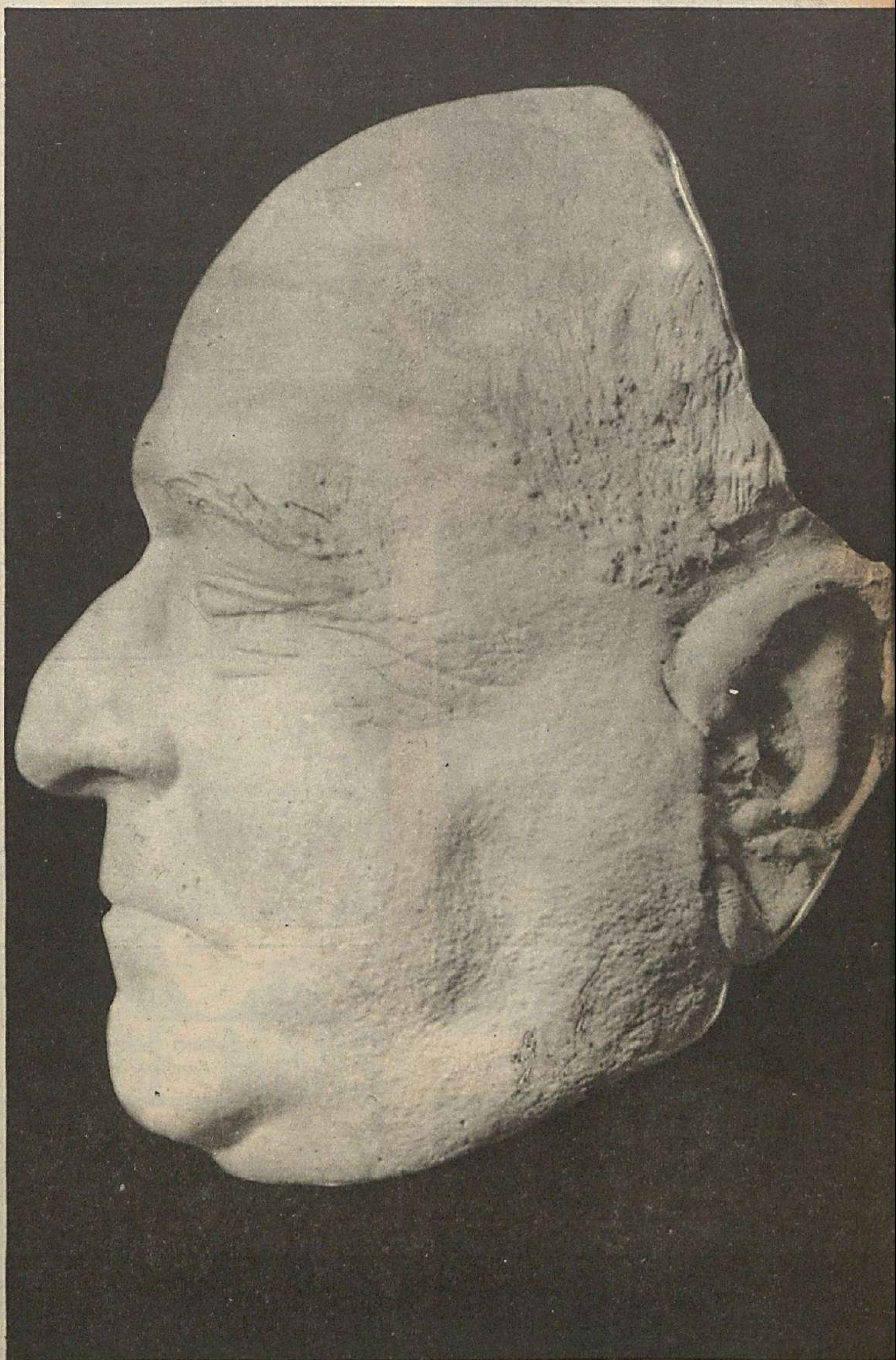
Nota da direção:

MANCHETE-123 publicou reportagem completa sôbre os antecedentes e a morte do Presidente Getúlio Vargas, assim como das homenagens que lhe foram prestadas pelo povo até o embarque do esquife para São Borja. Ao mesmo tempo, registramos as agitações de rua verificadas no Rio e em outras capitais do Brasil. O mesmo número incluia uma reportagem sôbre o sr. Café Filho, sucessor de Vargas na presidência da República. MANCHETE foi a primeira publicação semanal a circular, no país, com o registro dos acontecimentos que abalaram a vida nacional. Graças a isso, que só foi possível dado o esfôrço de nossa equipe, trabalhando em regime extraordinário, a edição de MANCHETE-123, esgotou-se instantâneamente. Logo às primeiras horas da manhã de quinta-feira, quando apareceram nas bancas, os exemplares foram todos adquiridos pelo público, que o disputou de maneira honrosa para o nosso conceito profissional, mas que, ao mesmo tempo, deu lugar a abusos condenáveis. Leitores mais exaltados, sem compreender que a edição se esgotasse tão ràpidamente, não se conformaram com o fato de não lhes ser dada a oportunidade de adquirir um exemplar e manifestaram o seu desagrado até ao ponto de ameaçar os jornaleiros. Por outro lado, apareceram os exploradores, tirando proveito da curiosidade do público com a venda de MANCHETE a preços exorbitantes. Tivemos conhecimento de que, em vários pontos da cidade, pessoas improvisadas em vendedores chegaram a pedir 50 cruzeiros e mais por exemplar.

Não será preciso, diante disso, explicar os motivos que nos levaram a editar um número "EXTRA" de MANCHETE, imediatamente após o número regular da semana. Esta edição é também resultado da dedicação da equipe profissional de MANCHETE, que tem, assim, ocasião de demonstrar o que pertence a todos os aqui trabalham e caracteriza o espírito da casa: não poupar esforços quando se trata de servir, conscientemente, ao público ledor.

•

FOTOGRAFARAM NESTE NÚMERO: Salomão Scliar, Gervásio Batista, Faria de Azevedo, Orlando Machado, Francisco de Carvalho Henriques e Ivo Barretti.



A MÁSCARA MORTUÁRIA DE GETÚLIO VARGAS

Logo após o passamento de Vargas, um desenhista e um escultor foram especialmente convocados ao Palácio do Catete para, no leito de morte do Presidente, registrar-lhe a fisionomia serena com que a morte o colheu. O escultor Florí Gama moldou em gêsso a máscara mortuária de Getúlio Vargas, uma obra de valor histórico imperecível.



A Igreja Católica é muito severa para com os suicidas. Orações e missas, porém, são permitidas, em caráter não solene, pela alma do ex-Presidente Getúlio Vargas.



À beira do túmulo, Osvaldo Aranha, que subiu em 30 com Vargas, despede-se patèticamente do companheiro de lutas e amigo de mais de 24 anos.